

ENCONTRO COM POL POT

Rendez-vous avec Pol Pot

Um filme de Rithy Panh

2024 | FRANÇA, CAMBOJA, TAIWAN, CATAR, TURQUIA | M/14 | 1H 52MIN

Estreia: 2 de Janeiro de 2025

Festival de Cannes 2024 – Cannes Première | Festival de Varsóvia 2024 – Competição Crème de la Crème | LEFFEST 2024 – Seleção Oficial em Competição – Grande Prémio do Júri João Bénard da Costa | Prémios Asia Pacific Screen – Nomeação para Melhor Realização | Óscares 2025 – Candidato do Camboja a uma nomeação para a categoria de Melhor Filme Internacional

L'Obs ★★★★★ | *Le Parisien* ★★★★★ | *Ouest France* ★★★★★ | *Le Point* ★★★★★ | *Paris Match* ★★★★★



Em 1978, o Kampuchea Democrático está devastado pela ditadura de Pol Pot e dos Khmer Vermelhos e dois milhões de cambojanos já foram mortos no genocídio. Três jornalistas são convidados pelo regime para uma entrevista com Pol Pot: uma repórter familiarizada com o país, um fotojornalista e um académico simpatizante da ideologia da ditadura. Durante a sua estadia, o retrato ilusório pintado pela propaganda cai. O horror é revelado e a viagem torna-se num pesadelo. Num gesto cinematográfico de grande liberdade, o filme mistura registos imagéticos com fluidez para construir um olhar coerente sobre a visão e a cegueira.

Com: Irène Jacob, Grégoire Colin, Cyril Gueï, Bunhok Lim, Somaline Mao

Argumento: Pierre Erwan Guillaume, Rithy Panh (a partir do livro *When The War Was Over*, de Elizabeth Becker)

Fotografia: Aymerick Pilarski, Mesa Prum

Produção: Catherine Dussart, Roger Huang, Justine O

“Esta dramaturgia sufocante (com o ponto culminante no encontro com um ditador cujo rosto permanece mergulhado na sombra, encenada como o final de uma ópera) alimenta-se de arquivos (imagens propagandísticas conhecidas e outras, mais raras, de corpos torturados ou cadáveres), bem como de sequências figurativas realizadas com marionetas, para "mostrar" um horror que o cineasta se recusa sempre a recriar. A força da encenação é incrível. A inteligência narrativa, também.”

L’Obs ★★★★★ (Xavier Leherpeur)

“Tudo em *Encontro com Pol Pot* se apoia no real e, como o seu realizador se recusa a recriar o horror, ele permite-nos, alternadamente, vê-lo, através do uso de imagens de arquivo (habilmente entrelaçadas com a ficção), ou imaginá-lo, sobretudo com a ajuda de figuras de terracota, de uma eficácia arrepiante (como em *A Imagem Que Falta*). Saímos deste filme, impressionante, dilacerante e formalmente muito bem conseguido, ao mesmo tempo estupefactos e aterrorizados.”

Ouest France ★★★★★

“Rithy Panh combina imagens documentais, planos com maquetes e figuras de terracota (como no seu documentário *A Imagem Que Falta*) e cenas interpretadas por actores. Um filme poderoso e comovente.”

Le Point ★★★★★

“Depois de numerosos documentários, incluindo o magnífico e imprescindível *A Imagem Que Falta*, Panh recorre à ficção para alcançar um público mais vasto, adaptando o livro de Elizabeth Becker, *When The War Was Over*. O realizador mostra como as ideologias conduzem à loucura, a cegueira dos idealistas perante uma causa justa, a construção de uma propaganda. Interpretado com convicção e misturando diferentes registos de imagens, *Encontro com Pol Pot* arrepiá-nos.”

Paris Match ★★★★★ (Yannick Vely)

Entrevista com Rithy Panh

***Encontro com Pol Pot* é uma obra de ficção baseada no livro *When The War Was Over*, da jornalista americana e correspondente de guerra Elizabeth Becker. O livro tenta explicar por que razão os Khmer Vermelho impuseram um regime tão destrutivo no seu país. Como descobriu o livro?**

A Elizabeth Becker e eu conhecemo-nos há muito tempo, quando a contactei enquanto estava a fazer o meu filme *Bophana: A Cambodian Tragedy* (*Bophana, une tragédie cambodgienne*) em 1996. Bophana é uma jovem mulher que, durante a ditadura dos Khmer Vermelho, foi detida, torturada e executada no campo de exterminação S-21 por enviar cartas de amor ao seu marido. A Elizabeth foi a primeira jornalista a investigar Bophana, e eu baseei o meu filme nos seus escritos. Trinta anos depois, ela foi muito amável ao ceder-me os direitos do seu livro *When The War Was Over*, que inspirou o argumento de *Encontro com Pol Pot*. A Elizabeth é uma das poucas mulheres jornalistas que cobriu a guerra no Vietname e no Camboja no início dos anos 70 e que acompanhou os Khmer Vermelho enquanto discursavam nas Nações Unidas, em Nova Iorque, apesar de não haver qualquer informação sobre o que se estava a passar no país. Talvez tenha sido a sua tenacidade que a levou a ser convidada a visitar o Kampuchea Democrático no final de 1978.

No seu livro, Elizabeth Becker relata, como o Rithy faz no seu filme, a sua estadia sob vigilância apertada no Kampuchea Democrático (o Camboja dos Khmer Vermelho), com mais dois ocidentais, e a sua tentativa de testemunhar o que se estava a passar no Camboja.

No filme, o objectivo era, simultaneamente, falar sobre os Khmer Vermelho e questionar o papel do jornalista no terreno, que tende a desaparecer. Hoje em dia, estamos mais preocupados com o imediatismo, com notícias de última hora, em vez da sua substância. Redacções estão mais relutantes em enviar alguém para o terreno durante três ou quatro semanas. O filme ecoa estes eventos actuais e lembra-nos que a ausência de informação, a desinformação e a manipulação de informação – que são estratégias para certos governos – constituem um perigo, um vício no qual estamos presos. Na altura como agora.

Embora se foque no passado dos Khmer Vermelho, o filme também evoca o estado actual de ideologias radicais que excluem, bloqueiam e recusam o confronto de ideias. Evoca o ressurgimento de utopias que afirmam pensar e agir pelo bem maior, mas que resvalam numa busca pela pureza, uma busca que desvirtua a revolução humanista. Denuncia este edifício de pensamento levado ao ponto do absurdo, cujos efeitos sobre

os seres humanos são assustadores. Como se não pudéssemos mudar de opinião, recuar, ou simplesmente parar para pensar.

O Rithy mostra efectivamente como os três membros da delegação ocidental são imediatamente confrontados com o discurso oficial do governo, e com entrevistas cujas respostas já parecem estar escritas, com locutores cuidadosamente escolhidos.

O filme também questiona aquilo que vemos, aquilo que não vemos, ou o que escolhemos não ver. Um dos três membros da delegação tinha de ser um fotógrafo, interpretado por Cyril Gueï. O Cyril é francês, de origem costa-marfinense, e eu pensei que a sua personagem, Paul Thomas, já teria feito a cobertura de muitos outros conflitos e fotografado outros países em plena ditadura. Ele não fala muito, ele não escreve: ele está directamente na fotografia. Paul Thomas foi o primeiro a ver o que se estava a passar no Kampuchea. Eu sou assombrado pela figura de Patrice Lumumba, e eu imaginei que o Paul Thomas tivesse visto a sua detenção quando era mais novo. Ele sabe o que a propaganda significa e consegue imediatamente identificar os detalhes escondidos no cenário da aldeia de Potemkin, revelando a sua crueldade e totalitarismo.

Para os efeitos do seu filme, os três protagonistas são franceses. Elizabeth Becker torna-se Lise Delbo, interpretada por Irène Jacob, e o académico marxista inglês Malcolm Caldwell, um fervoroso defensor da revolução cambojana, torna-se Alain Cariou, interpretado por Grégoire Colin.

Lise Delbo é uma homenagem a Charlotte Delbo. Eu gostava de a ter conhecido, porque os seus livros ajudaram-me muito ao longo da minha vida. Theodor W. Adorno disse: “Escrever um poema depois de Auschwitz é bárbaro”. Charlotte Delbo acreditava, pelo contrário, que devíamos continuar a criar e a escrever. Ela tinha toda a razão! Depois de Auschwitz, era necessária mais poesia. Era altura de escrever. Lise Delbo também é esta personagem que viveu e trabalhou no Camboja, que incorpora estas experiências, estas emoções, que tenta analisar a situação, que continua a apelar aos líderes do Khmer Vermelho para regressar ao Camboja e encontrar o seu intérprete, de quem não tem notícias. O que a afecta durante a sua estadia é o silêncio. Para onde foram todas as pessoas? Genocídio é também sobre silêncio. Não se vê nada, não se ouve nada. Os grandes terrores correspondem frequentemente a um silêncio terrível, e a cidade de Phnom Penh, esvaziada dos seus habitantes e totalmente silenciosa, é testemunha de absoluta aniquilação. Já não há escolas, não há mercados, não há espectáculos, não há música, não há dança...

Quanto a Alain Cariou, ele é o ideólogo, o professor ultra-maoista de 1968. É por esta razão que ele é convidado para o Kampuchea. Enquanto Lise Delbo tenta fazer o seu trabalho enquanto jornalista, Alain Cariou é o último a consciencializar-se da situação

porque ele reage, acima de tudo, a teorias e ideias. Estes três não foram os únicos ocidentais a visitar o Camboja na altura. Representantes do bloco soviético e da Europa oriental também visitaram, incluindo membros dos Partidos Comunistas sueco e francês. A maioria permaneceu em silêncio durante muito tempo. Alguns nem sequer falaram. Terá sido para evitar trair o compromisso de outrora, ou por negação e culpa?

Como escolheu o seu elenco?

É tudo uma questão de conhecer pessoas. Eu trabalho a partir do instinto, no que acontece nas nossas conversas e no que sugerem quando estamos no set. Dou-lhes muita liberdade. Nós mandámos a Irène, o Cyril e o Grégoire para uma pista de avião, no meio do Camboja, com uma temperatura de cinquenta graus, e eles estavam contentes a trabalhar!

Esta imagem recorrente da pista de avião quase deserta, onde as três personagens esperam, quase que resume o filme, ou, pelo menos, o seu sentido de reconstituição histórica.

Esta pista é a do Aeroporto Kompong Chhnang, cuja construção foi começada pelos Khmer Vermelho, mas nunca terminada. A construção causou muitas mortes. No local, conseguimos sentir as almas daqueles que trabalharam como escravos sob o sol implacável, que beberam água dos lagos e perderam as suas vidas. Eu acredito que é impossível apagar os traços de um ser humano. Da mesma forma, nesta imagem insistente da pista de avião, há sempre uma reminiscência do fora-de-campo, da atmosfera que a rodeia. Como a Susan Sontag uma vez disse, certas imagens estão destinadas a assombrar-nos, e a fazer-nos reflectir sobre como lemos e reagimos ao sofrimento.

A sua encenação combina planos de cor real, imagens de arquivo a preto-e-branco, transparências e sobreimpressões.

É uma forma de escrita da qual sou fã há algum tempo. Permito-me ser um pupilo de Dziga Vertov e Chris Marker, e isso, por sua vez, permite-me pensar sobre um cinema mais orgânico. Eu uso sempre os mesmos arquivos. Tenho outros, mas há alguns que prefiro. É uma forma de persistência, ideias às quais regresso. As cenas no filme correspondem em parte ao livro de Elizabeth Becker: como ela preparou as entrevistas, como os Khmer Vermelho a impediram de conhecer determinadas pessoas e a forma como, de seguida, reportaram ao seu líder. Pierre Erwan Guillaume, o argumentista do filme, adaptou isto do livro. O resto relaciona-se com tudo o que recolhi sobre o regime dos Khmer Vermelho. Por exemplo, a cena em que o conjunto budista de Wat Phnom, o

símbolo da fundação da cidade de Phnom Penh, está prestes a ser dinamitado e substituído por uma estátua de Pol Pot a guiar a multidão de soldados, camponeses e trabalhadores, é um episódio que o pintor Vann Nath me contou porque ele trabalhou no modelo do monumento quando esteve preso no campo de exterminação S-21.

O Rithy também regressa às estatuetas de barro que usou em *A Imagem Que Falta* (*L'Image manquante*).

Eu sou um pouco criança na minha cabeça, regresso a linguagens primitivas, oníricas. Estas pequenas figuras esculpidas à mão têm uma alma; não se movem, mas concentram emoções. A luz e os ângulos da câmara são tudo o que lhes dá vida. Não obstante, mudar de actores para figuras, ou de figuras para arquivos como em *A Imagem Que Falta*, nem sempre funciona. Há muitas sequências que fizemos e que não editámos por esta razão. Tem de se criar um certo tipo de poesia. Com a poética da imagem, é possível dizer muito, até as coisas mais difíceis.

Porque escolheu a ficção para este filme?

Não penso sobre isso nesses termos. Para mim, o documentário é uma forma de “ficcionalizar” a realidade e, inversamente, na minha ficção, há sempre um gesto de documentário. Infelizmente, para mim, é difícil fazer ficção porque sou rotulado como realizador de documentários. Essencialmente, não quero nada mais que ser feliz enquanto faço um filme. Foi isso que disse ao elenco e aos técnicos, e acho que fomos muito felizes juntos nestas rodagens.

Elizabeth Becker – Biografia

Elizabeth Becker é uma jornalista e autora americana. Começou a sua carreira como correspondente de guerra no Camboja para o *Washington Post*. Foi também correspondente para o *New York Times*. Ela foi uma das duas jornalistas ocidentais autorizadas a visitar o Kampuchea Democrático em 1978, onde conheceu Pol Pot e Leng Sary. Em 1986, ela publicou o livro *When The War Was Over*. Em 2015, ela testemunhou perante o tribunal especial criado para julgar os crimes de guerra do regime do Khmer Vermelho, também conhecido como as Câmaras Extraordinárias dos Tribunais do Camboja.

Excerto do livro *When The War Was Over*

“Eu fui uma de poucos jovens repórteres ocidentais que tiveram o seu começo a cobrir a guerra. Atingimos a maioria no Camboja.

Perdemos amigos na guerra, e testemunhámos, sem saber, o início de uma das maiores catástrofes deste século.

No final da guerra, a maioria de nós não queria acreditar nas primeiras histórias aterradoras dos refugiados, por medo que significasse que os cambojanos com os quais fizemos amizade estavam agora em risco.

A maioria de nós sentiu que tinha visto o pior durante a guerra – a devastação e os bombardeamentos, o rápido declínio do país que era diferente da guerra no Vietname. (...) Fiquei tão surpreendida como toda a gente com a evacuação e posterior destruição da sociedade Khmer. Decidi que tinha de voltar ao Camboja e ver a revolução por mim mesma.

(...)

Nós os três chegámos ao Camboja com apreciações diferentes da revolução. Caldwell tinha um interesse político no seu sucesso; eu tinha o compromisso pessoal e profissional de longa data de descobrir o seu significado; Dudman tinha um distanciamento invejável em relação à história.

Rapidamente descobrimos o que o Camboja significava para cada um de nós. O que não sabíamos foi que, antes da nossa chegada, já tinha sido decidido que um de nós seria morto.”

– Elizabeth Becker



Trailer: <https://vimeo.com/1038623446>